

“Je est un autre” *

(Rimbaud)

Num mundo em que a vacuidade narcísica da *selfie* parece impregnar a superfície do universo digital em que nos encontramos imersos, podemos perguntar qual o interesse ou a razão de reunir um conjunto de imagens que, à partida, podem não parecer mais que uma amostra das margens desse mesmo universo. Não podíamos estar mais longe de tal ideia. Como veremos, as fotografias aqui presentes pressupõem um tempo de reflexão e maturação, um envolvimento com o acto fotográfico que não é compatível com práticas que, apesar de se poderem cruzar são fundamentalmente diferentes entre si.

Os trabalhos aqui reunidos são uma selecção de dois exercícios pedidos aos alunos do curso profissional do Instituto Português de Fotografia, realizados precisamente na disciplina de fotografia. O tema é o auto-retrato e é pedido a cada um, no início do seu percurso lectivo que seja ao mesmo tempo sujeito e objecto, fotógrafo e assunto da sua fotografia. Que ganhe distância, recuo, e se olhe como se de outro, sendo ele próprio, se tratasse. É um exercício difícil, sobretudo para quem está a começar e na maioria dos casos, passada a resistência inicial, aqueles que já trazem a prática da *selfie* cedo percebem que o investimento posto no trabalho ultrapassa em muito a facilidade do par captar/ partilhar que é a norma da comunicação quase instantânea através dos dispositivos que os ligam às comunidades virtuais.

Os resultados são depois espalhados em cima de uma mesa e analisados individualmente. O exercício é repetido no final do percurso, após um ano intenso de fotografia, um fechar de ciclo que é um regresso a um olhar sobre si próprio e sobre a fotografia. Na grande maioria dos casos, a comparação que fazemos entre cada um destes momentos é a medida exacta da evolução do percurso de cada um.

Os dispositivos utilizados são variados. Podemos ver a utilização do espelho, lugar inicial de inscrição da nossa imagem, do reconhecimento de um eu-outro que aqui tanto serve para a refletir (enquanto imagem especular é este o rosto que melhor reconhecemos) como para a ocultar, numa negação da possibilidade de representação quer do fotógrafo, o eu que se olha, quer do espectador, o que nos olha. O espelho traz igualmente a presença da câmara incorporando na fotografia o dispositivo técnico que lhe deu origem. Temos igualmente a presença das imagens que povoam algumas destas fotografias em que o Eu aparece já como uma representação em segundo grau, um espelho de um espelho, lembrando a potencialidade de *mise-en-abîme* que a fotografia carrega em si.

Encontramos ainda o mais comum e formal, embora não menos carregado de possibilidades ficcionais e que recria a transparência do acto fotográfico no sentido que nos põe a nós espectadores no lugar do fotógrafo: *Isto foi o que vi em frente à minha câmara*, uma pessoa que ocupava um ponto preciso do espaço, alguém que apareceu para um retrato. Esta transparência da imagem visa contudo esconder ou mascarar uma realidade: aquele que ali estava ou apareceu, sou eu.

Podemos falar também no modo como cada um enfrentou a câmara e encenou a sua presença, desde o registo mais intimista, em que o corpo ganha uma presença e dimensão física importantes na imagem até ao seu quase desaparecimento por detrás de diversos dispositivos de ocultação sejam eles elementos físicos (um espelho, uma nuvem de fumo, uma banheira...) ou

meramente técnicos, como é o caso da utilização rigorosa do foco, como que numa procura de uma adequação à visão que torne, na sua falta de nitidez, a representação mais verdadeira. Entre um e outro extremo encontramos diversas estratégias de encenação que procuram situar o Eu como um sujeito em acção, seja na recriação de cenas do quotidiano seja na construção de uma narrativa de carácter mais ficcional de um Eu enquanto outro. No limite, todas estas fotografias são fragmentos dispersos de uma procura e de uma aprendizagem que é também uma inquietação: de um equilíbrio, frágil e intranquilo, entre o fotógrafo e a sua fotografia.

francisco feio, 2015

* o título deste texto foi emprestado de uma exposição homónima organizada por Luís Serpa (1948-2015) em Serralves em 1990